

ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: por uma teorização crítica da empresa a partir do ferramental Habermasiano

Natalia Maria Ventura da Silva Alfaya
Escola de Direito das Faculdades Londrina

Luiz Gustavo Tirol
Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

Os estudos organizacionais, inicialmente vinculados às disciplinas de engenharia e administração, a partir do século XX, adquiriram novos significados a partir da incorporação das organizações como objeto de estudo de áreas como a filosofia e a sociologia, haja vista que a natureza complexa e dinâmica da organização impacta diversos segmentos e dimensões da sociedade. Destaca-se nesse sentido as contribuições da filosofia Habermasiana que, apesar de não ser originalmente direcionada para o campo da administração, permite que se utilize o arcabouço teórico para outros objetos de estudos, dada a extensão e profundidade da obra de Jurgen Habermas. Neste contexto, haveria espaço para a construção de uma perspectiva empresarial para além da lógica instrumental-estratégica? De que maneira o ferramental Habermasiano pode contribuir para a teorização crítica da empresa? O objetivo consiste em perquirir na teoria do agir comunicativo Habermasiana um aporte teórico capaz de construir uma teoria crítica organizacional. A natureza da pesquisa é inicial, valendo-se do procedimento metodológico dedutivo e da técnica de revisão bibliográfica. O primeiro tópico versa sobre uma abordagem multidisciplinar da teoria das organizações para além dos aspectos tradicionais. O segundo discorre sobre a filosofia Habermasiana e os principais conceitos operacionais da teoria do agir comunicativo. Por fim, o terceiro perquire sobre a teorização crítica da empresa a partir do aporte da teoria do agir comunicativo Habermasiana. Nas considerações finais, vislumbra-se a possibilidade da teoria Habermasiana possibilitar um redimensionamento da concepção de empresa para além das percepções tradicionais, estratégicas e instrumentais, em uma perspectiva comunicativa e emancipatória.

Palavras-chave: Teoria crítica. Estudos organizacionais. Teoria do agir comunicativo. Jürgen Habermas.

ORGANIZATIONAL STUDIES: for a critical theorization of the company from the Habermasian toolbox

ABSTRACT

The organizational studies, initially linked to the disciplines of engineering and administration, from the 20th century onwards, acquired new meanings from the incorporation of organizations as an object of study in areas such as philosophy and sociology, given that the complex and dynamic nature of organization impacts different segments and dimensions of society. Highlight to the Habermasian philosophy, which, although not originally directed to the field of administration, allows the theoretical framework to be extended to other objects of study, given the extent and depth of Habermas' work. In this context, would there be space for building a business perspective beyond the

instrumental-strategic logic? How can Habermasian toolbox can contribute to critical company theorizing? The aim is to investigate inside the Habermasian communicative acting theory a theoretical contribution capable of building a critical organizational theory. The nature of the research is inicial, using the deductive methodological procedure and the literature review technique. The first topic deals with a multidisciplinary approach to organization theory in addition to traditional aspects. The second discusses Habermasian philosophy and the main operational concepts of the theory of communicative action. Finally, the third examines the critical theorizing of the company based on the contribution of the Habermasian theory of communicative action. In the final considerations, the possibility of Habermasian theory is envisaged to enable a redimensioning of the company concept beyond the traditional, strategic and instrumental perceptions, in a communicative and emancipatory perspective.

Keywords: Critical theory. Organizational studies. Communication theory. Jürgen Habermas.

Recebido em: 27/08/2020

Aceito em: 08/03/2021

INTRODUÇÃO

Os Estudos Organizacionais são uma dentre muitas áreas de pesquisa a respeito das organizações, suas características sociais, culturais, políticas e econômicas, além de analisar os efeitos que elas produzem sobre os indivíduos, os interessados e a sociedade. Existem diversas vertentes ou concepções teóricas acerca da compreensão de organização. Historicamente relacionada ao campo das engenharias e da administração, a partir do século XX, a organização passa a ser objeto de estudo de outras áreas do conhecimento, como a sociologia e a filosofia, com o objetivo de compreender as multidimensões que a organização pode adquirir no contexto social a partir de abordagens variadas, haja vista que a organização é tida como conceito dinâmico, complexo e extenso.

Para tal, faz-se necessário uma construção teórica que pudesse justificar tal postura para além da lógica instrumental e estratégica alicerçada na busca pelo lucro, uma concepção teórica crítica que redimensione o papel da empresa na sociedade. Para isso, tem-se na teoria crítica Habermasiana, que valoriza a ação comunicativa como forma de emancipação em face da dominação exercida pela lógica instrumental, um aporte teórico que possibilitaria tal redimensionamento.

Dentro deste contexto, interessa neste trabalho questionar de que modo a teoria do agir comunicativo, desenvolvida por Jürgen Habermas, se aplica ao campo dos estudos sociais? Compreendendo que o ambiente empresarial é tipicamente permeado pela lógica instrumental, poder-se-ia pensar na existência de um espaço para a construção de uma ação comunicativa que pudesse ressignificar o conceito de organização sob a ótica Habermasiana?

A problemática da pesquisa será desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, com intuito de analisar os objetivos em uma perspectiva descritiva e exploratória, a partir da técnica de revisão bibliográfica da literatura pertinente ao assunto. O procedimento metodológico aplicado foi o dedutivo que corresponde à extração discursiva do conhecimento, a partir da teoria crítica de empresa como premissa geral analisada por meio de um conjunto de ferramentas apresentado pela teoria Habermasiana.

O objetivo principal do presente artigo consiste em construir, a partir da teoria do agir comunicativo, expoente do pensamento do filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, o pressuposto para formular uma teoria crítica organizacional que ressignifique o conceito de organização a partir de um referencial teórico crítico. Perquirindo sobre a possível contribuição da Teoria do Agir Comunicativo (TAC) ao campo dos estudos organizacionais, trabalhando alguns dos conceitos básicos, tais como: ação estratégica *versus* ação comunicativa; mundo da vida *versus* sistema e razão instrumental; além de razão comunicativa no contexto da teoria das organizações.

Na consecução do objetivo acima delineado, o artigo está organizado em três tópicos, finalizados por um conjunto de considerações finais. O primeiro tópico versa sobre a teoria das organizações em si, discorrendo sobre a sucinta evolução da abordagem tradicional de organização, sob o viés meramente administrativo, para uma perspectiva a partir da multidisciplinariedade, atribuindo novos contornos para o conceito e a estruturação de organização a partir de áreas do conhecimento diversas, tais como a psicologia, a antropologia, e sobretudo a filosofia e a sociologia.

O segundo versa sobre a possibilidade de trabalhar uma perspectiva filosófica da racionalidade dentro do arcabouço teórico de Jürgen Habermas, abordando, mesmo que de maneira abreviada, as principais categorias, tais como mundo da vida, sistemas, ação comunicativa e ação instrumental na perspectiva de resgate e concretização do plano de emancipação humana da modernidade.

O terceiro tópico se dedica a pensar a respeito da construção de uma teorização crítica da empresa a partir dos pressupostos da teoria crítica Habermasiana, sobretudo por meio da teoria do agir comunicativo, e seu papel na construção de uma teoria crítica de empresa tal que vá além dos modelos tradicionais relacionados a ótica exclusivamente instrumental-estratégica. Uma teoria que realmente tenha uma perspectiva comunicativa emancipatória.

1 TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES: UMA PERSPECTIVA MULTIDISCIPLINAR

O termo organização tem ao menos dois sentidos específicos: o primeiro deles está relacionado as ideias de ordem e a sistematização, enquanto o segundo conceito de organização é o de um resultado obtido através de um processo social de coordenação do trabalho. A teoria das organizações se ocupa de estudar a formação e o funcionamento das empresas e órgãos públicos e privados, contemplando a importância das organizações como espaços onde ocorre a concentração de poder econômico. Além disso, se preocupa em observar a capacidade e possibilidades destas para influenciar e modificar o arranjo social em diferentes níveis (MATITZ; VIZEU, 2012).

Um dos autores que se preocupou em conceituar organização foi Weber. Dentro da teoria weberiana uma organização é conceituada como “um sistema de atividade contínua e intencional de um tipo específico” (MORRIS, 1986, p. 847), fazendo com que o termo fosse relacionado diretamente com os modos de produção e com a atividade econômica.

"A nova ciência das organizações", nas palavras de Ramos (1989), passou a estudar fenômenos relacionados à organização, entre esses: a questão da produtividade e da eficiência, o conceito de burocracia, a gestão, a tecnologia, a estrutura organizacional, a racionalização e a divisão do trabalho, a motivação, a liderança, a comunicação, a mudança, a cultura, os grupos formais e informais, o conflito e o consenso. De base multidisciplinar, a

teoria das organizações e também as próprias organizações passaram a ser objeto de interesse e de crítica ao longo do século XX e início do século XXI (MATITZ; VIZEU, 2012, p. 9).

Em meados do século XX, Parsons se debruçou sobre os estudos da obra de Weber e sua recepção da teoria weberiana possibilitou que estudos sociológicos, sobretudo estadunidenses, pudessem criar uma nova disciplina, a teoria das organizações. Em que pese este momento não poder ser considerado como o início dos estudos organizacionais, uma vez que estes eram desenvolvidos anteriormente por engenheiros e administradores e outros profissionais, verifica-se neste momento uma maior problematização teórica acerca da organização, outrora vinculada a perspectiva puramente pragmática. (WAHRLICH, 1986).

Os dois pilares fundamentais de uma teoria das organizações encontram-se, portanto, em duas orientações principais: os estudos ditos do “comportamento organizacional” e a chamada sociologia das organizações. [...] A primeira é herdeira da tradição da psicologia dominante nos EUA e privilegia o tratamento de temas como motivação, liderança e tomada de decisão no universo organizacional. A segunda é influenciada, sobretudo, por sociólogos americanos de inspiração funcionalista, que desenvolvem estudos sobre a burocracia e os sistemas sociais, na esteira da interpretação feita por Talcott Parsons e dos trabalhos deixados por Max Weber (FRANÇA FILHO, 2004, p. 127).

Neste contexto mais aprofundado, o conceito de organização adquire novos contornos a partir das reflexões teóricas desempenhadas pelos sociólogos de base funcionalista-estruturalista que passam a designar organização nos seguintes termos:

[...] unidades sociais (ou agrupamentos humanos) intencionalmente construídas e reconstruídas, a fim de atingir objetivos específicos. Incluem-se as corporações, os exércitos, as escolas, os hospitais, as igrejas e as prisões; excluem-se as tribos, as classes, os grupos étnicos, os grupos de amigos e as famílias. As organizações caracterizam-se por: 1) divisões de trabalho, poder e responsabilidades de comunicação, que não são causais ou estabelecidas pela tradição, mas planejadas intencionalmente a fim de intensificar a realização de objetivos específicos; 2) a presença de um ou mais centros de poder que controlam os esforços combinados da organização e os dirigem para seus objetivos; esses centros de poder precisam, também, reexaminar continuamente a realização da organização e, quando necessário, reordenar sua estrutura, a fim de aumentar sua eficiência; 3) substituição do pessoal, isto é, as pessoas pouco satisfatórias podem ser demitidas e designadas outras para as suas tarefas. A organização também pode recombinar seu pessoal, através de transferência e promoções. (...) (ETZIONI, 1973, p. 9-11).

O interesse pela teoria das organizações surge a fim de romper o paradigma que vinculada organização como uma instituição fatal e exclusivamente relacionada à estrutura produtiva e econômica, trazendo novos elementos para os debates em torno da concepção de organização, tais como os aspectos históricos, sociais e ambientais que diferenciam as organizações.

A transição de uma teoria da administração para uma concepção relacionada à teoria das organizações surge dentro de um contexto de passagem, abandonando uma preocupação exclusivamente produtiva e lucrativa para abraçar uma preocupação quanto ao sistema social no

entorno dos processos produtivos, considerando os comportamentos estruturantes e estruturais das organizações na sociedade em está inserida (FADUL; SILVA, 2009, p. 10).

Diante deste novo contexto, surge a necessidade de uma perspectiva multidisciplinar pautar a concepção de organização, uma vez que devem ser considerados os diversos aspectos que a compõe e integram, tais como o cultural, o econômico, o político e o social. A abordagem deve-se se dar através de inúmeras áreas do conhecimento, com “conhecimentos oriundos de várias disciplinas, ciências sociais e humanas teóricas e aplicadas, interfaces com filosofia, epistemologia, psicologia, ética, tecnologia, biologia, ecologia e outras, a serem articuladas de diferentes modos e com diversas ênfases temáticas” (THIOLLENT, 2014, p. 02).

A organização passa a ser concebida como um fenômeno social, um objeto de interesse que passa a ser estudado por enfoques diferentes por diversos campos do conhecimento. Um objeto de interesse para a antropologia, que se pautava pela análise dos aspectos simbólicos e culturais que permeiam a organização; para a psicologia, focada no estudo dos conteúdos cognitivos e comportamentais que se relacionam na organização, como processo de tomada de decisão e cultura organizacional comportamental; para a sociologia como sistema de centralidade política, econômica e social, a partir da concepção de organização sob o prisma institucional (CHANLAT, 1993; FRANÇA FILHO, 2004).

Para tanto, torna-se possível uma concepção de organização para além das perspectivas tradicionais e dominantes, inclusive no campo dos estudos organizacionais relacionados à administração, uma vertente crítica da organização que rompe os paradigmas de lucratividade e se empenha em repensar e ressignificar o conceito de organização a partir de instrumentos originários das mais variadas áreas do conhecimento, com especial atenção para a filosofia, a sociologia e o direito.

Esta abordagem multidisciplinar, que pode ser conceituada como a “praticada por uma equipe de pesquisadores pertencendo a ramos de saber ou a especialidades diferentes pondo em relação os diversos aspetos que podem revestir a divisão de trabalho para estudar o objeto de uma disciplina” se mostra fundamental para a compreensão dos fenômenos que ocorrem no âmbito das ciências sociais aplicadas (JAPIASSU, 2006, [s.p.]). Isto se dá em face da necessidade de resolução de problemas concretos e diários, cuja solução exige uma perspectiva científica e tecnológica aliada à prática (FOUREZ, 1995).

Uma proposta crítica da organização sob a égide da multidisciplinariedade ocupa-se de tecer considerações sobre as concepções dominantes na área, buscando alternativas na teorização e na experiência prática cotidiana para aos impactos que a organização invariavelmente gera sobre a comunidade na qual se encontra inserida, seja no âmbito ambiental, cultural, econômico ou social.

Ainda mais, se dedica a criticar as concepções meramente estratégicas, focadas simplesmente nas possibilidades de lucro, que ignoram a perspectiva de sustentabilidade dos projetos desenvolvidos, com isso dando voz aos diversos atores e interessados, direta e indiretamente, nos processos desenvolvidos dentro do âmbito da organização (THIOLLENT, 2014, p. 13).

Sendo assim, aliado aos conceitos tradicionais de competitividade, posicionamento estratégico e vantagem de mercado, somam-se novos aspectos de posicionamento ideológico, desdobramento simbólico, cooperação e responsabilidade social. Uma multidimensionalidade do conceito de organização para além dos modelos ligados única e simplesmente às estruturas de mercado.

[...] o campo dos Estudos Organizacionais - ou teorias das organizações, como preferem muitos dos consagrados pensadores da área - se coloca adicionalmente como alternativa à abordagem gerencialista hegemônica e convencional, se constituindo, com o apoio do vasto campo das ciências humanas, em um olhar diferenciado sobre a Administração, preferindo observá-la como uma experiência de aprendizagem e entendê-la como fenômeno social e, ao mesmo tempo, laboratório de experiências humanas multidimensionais. (CAVALCANTE, 2007, p. 02).

Desta forma, a perspectiva exclusivamente instrumental relacionada aos processos produtivos que davam forma aos estudos e a construção do conceito de organização cedem espaço e incorporam novos aspectos a partir da teoria das organizações, que traz em si uma abordagem multidisciplinar.

A organização não se limita à mera produtividade e sistematização, para além dos processos produtivos, preocupa-se também com os sistemas sociais que integram os processos de produção, concebendo a organização a partir de uma gama de conhecimentos oriundos das mais diversas áreas do saber.

2 A TEORIA CRÍTICA DA ESCOLA DE FRANKFURT E A RAZÃO INSTRUMENTAL

Filósofo da modernidade, nascido na cidade de Düsseldorf, na Alemanha, em 18 de junho de 1929, Jürgen Habermas é um teórico contemporâneo, um jovem prodígio que se tornou assistente de Theodor Adorno com apenas 27 anos de idade. Considerado pensador da segunda geração da Escola de Frankfurt, Habermas é tido como teórico da modernidade por se ocupar em refletir o projeto da modernidade, um projeto falho para seu mentor, mas que considera incompleto, um projeto que concebe a humanidade a partir de uma base racional, pretendendo a emancipação do homem a partir da racionalidade.

O projeto filosófico da modernidade é questionado por alguns autores que o concebem como um projeto falho, haja vista as limitações e distorções da racionalidade que impediram sua

implementação no passado e no presente. Uma vez que na teoria crítica “foi demonstrada a perda do sentido original do conceito de razão como processo emancipatório”, e houve “instrumentalização e dominação da natureza e repressão do homem pela ciência” (GALLELI, 2015, p. 33)

Todavia, para Habermas, a modernidade é um projeto inacabado, uma vez que não concretizou seus objetivos, sinalizando para a possibilidade de que estes objetivos, alicerçados na racionalidade, possam ser concluídos. Uma vez que acredita “na possibilidade de que esta não chegou a seu fim, mas encontra-se envolvida por uma crise interna que é decorrência da adoção do modelo de racionalidade instrumental em detrimento do modelo de razão comunicativa” (BANNWART JÚNIOR, 2012, p. 141). Nisto consiste a teorização Habermasiana, a reconstrução ou reabilitação da racionalidade na concretização do plano filosófico da modernidade.

Neste sentido, a teoria Habermasiana preocupa-se em investigar, reconstruir e ampliar os conceitos da modernidade, dispensando a tratativa de conteúdos específicos que devem ser observados, mas focando na indicação procedimental que leva a concretização e realização do sonho da modernidade. Desta forma, “importa recordar, então, que, diferentemente dos referenciais de parcela significativa das pesquisas de linhagem crítica, o projeto Habermesiano prevê a possibilidade de emancipação social”. Ou seja, “mantém diante de si um projeto de modernidade inacabado, com potencial de efetivação” (FAVORETO; NOGUEIRA; BANNWART JUNIOR, 2019, p. 9)

2.1 A racionalidade e a teoria crítica em Habermas

No processo de evolução histórica da filosofia nota-se que não havia uma ocupação dos pensadores com a racionalidade, uma vez que o conhecimento era tido como sendo de origem metafísica, origem divina. Entretanto, a partir da modernidade tal concepção é modificada, haja vista que a racionalidade passa a ser objeto de investigação da filosofia, tornando-se um problema para as reflexões dos teóricos.

Entre os vários filósofos que se preocuparam com a racionalidade estão Hegel e Kant. Hegel possui o conceito de unicidade da razão. A razão é uma só e não pode ser dividida, ele não concebe a possibilidade da razão dividir-se em vários “ramos”, em várias pluralidades. Além disso ela é total e instrumental. Já Kant trabalha com o conceito de unidade da razão. A razão é uma só, mas em seu interior ela é formada por várias pluralidades, várias faces da mesma razão, várias manifestações e dimensões do mesmo fenômeno (BERTOLAZO, 2004, p. 02).

Na obra *Dialética do Esclarecimento*, os filósofos da Escola de Frankfurt Adorno e Horkheimer, considerando a tradição hegeliana e a razão como uma unicidade, defenderam que a razão na modernidade tornou-se totalitária e instrumento de dominação. Neste sentido, a

racionalidade e as luzes do iluminismo, que deveriam libertar o homem do mito, da magia, do medo e o conduzir em um processo de aprimoramento cuja base é racional falham, eis que “o que ocorreu foi a dominação da técnica sobre a cultura, contendo o progresso da consciência humana” (DEGENHARDT, 2005, p. 103).

Tal realidade é verificada na medida em que o Esclarecimento tende a dominar tudo e reduzir a si mesmo, até mesmo as tentativas de combatê-lo, haja vista que qualquer empreendimento contra é exercido a partir de argumentos racionais e lógicos, legitimando a dominação exercida por este tipo de racionalidade (BERTOLAZO, 2004).

Neste contexto, apesar de concordar com Marx quanto ao fato de que a evolução e o desenvolvimento dos processos de reprodução material de bens não encontraram meios racionais e justos de efetivar a distribuição (GALLELI, 2015, p. 37), se afasta da propositura de que a revolução social seria a saída (FREITAS, 2004, p. 64), não concordando com a ideia “de que tão somente o desenvolvimento das forças produtivas seja capaz de configurar uma nova forma de organização social (BANNWART JÚNIOR, 2012, p. 143).

Afastando-se do pensamento marxista, Habermas se contrapõe a Adorno e Horkheimer, também por isso sendo considerado pensador da segunda geração da Escola de Frankfurt, e propõe a concepção de que a racionalidade é uma pluralidade de manifestações dentro de uma mesma razão, sustentando que diversas manifestações existem, interagem e estão presentes no cotidiano, organizando-o em função das mais diversas necessidades da sociedade.

Assim, existem ao menos quatro tipos de racionalidade na teoria Habermasiana: a primeira é a racionalidade instrumental, vinculada a manipulação da natureza e a dominação do homem como objeto e com fim para além de si mesmo; a segunda é a racionalidade estratégica que visa a obtenção de vantagens de um indivíduo em detrimento do outro nas relações sociais; a terceira, a racionalidade mítica que é voltada para explicações metafísicas e exotéricas para os acontecimentos do mundo, da vida e da sociedade; por fim, a racionalidade comunicativa, voltada para a construção de consensos e diálogos (BERTOLAZO, 2004, p. 03).

Para Habermas (1988), o plano da modernidade de emancipar o homem por meio da razão não se concretizou por desconsiderar a plurimanifestação da racionalidade, concebendo a razão tão somente sob o prisma instrumental, sendo esta apenas uma das maneiras de se compreender a realidade, mas não a única. Nesse ponto ele concorda com Adorno e Horkheimer, a razão realmente tornou-se fonte de dominação, mas essa razão dominadora é a razão instrumental e não a racionalidade como um todo.

Para Adorno, o problema consistia no excesso de racionalidade. Para Habermas (1988), ao contrário, a problemática está relacionada ao déficit de racionalidade, pois há um excesso de

racionalidade instrumental e uma carência de racionalidade comunicativa. Neste contexto, defende que a emancipação, projeto da modernidade, se dará a partir da racionalidade comunicativa, que permeia o cotidiano dos indivíduos, ao passo que a racionalidade instrumental é aquela que ordena os subsistemas, tais como a política e a economia (BERTOLAZO, 2004, p. 04).

Para Habermas (1988, p. 502), o problema consiste na colonização do cotidiano pelos subsistemas, ou seja, a racionalidade instrumental invade o espaço das relações intersubjetivas dos indivíduos. Ao invadir, os valores são subvertidos, passando a vigorar nas relações pessoais aqueles que são mais presentes no mercado, na política e na economia. “Trata-se, em resumo, de uma relação difícil, que deve ser estudada empiricamente, onde os subsistemas colonizam e exploram o mundo da vida, tornando-se mais complexos com o passar do tempo” (GUTIERREZ; ALMEIDA, 2013, p. 159). Uma vez que “a invasão da mentalidade mercantilista em todos os domínios do pensamento conduz a uma alienação do homem” (DEGENHARDT, 2005, p. 104)

Para explicar tal relação, Habermas utiliza um novo parâmetro, o de sociedade complexa, afastando-se de uma leitura reducionista a partir de lutas de classes e estruturas econômicas da teoria marxista, uma vez que é evidente sua diferença com “o materialismo dialético, ou qualquer outra teoria que se pretenda vanguarda da transformação revolucionária da sociedade”. Além de seu “compromisso com uma ciência constituída historicamente, através da reapropriação dos autores clássicos, cujo teste definitivo será o acolhimento das ideias pelo meio social que ele estuda ou retrata” (GUTIERREZ; ALMEIDA, 2013, p. 165).

Para Habermas (1988), a sociedade é subdivida entre: subsistemas, espaços operados mediante uma razão específica, tais como o mercado e a política; e o mundo da vida (MV), espaço privilegiado para o desenvolvimento da racionalidade comunicativa e regido por esta, valendo-se do conceito para designar as relações e interações sociais estabelecidas mediante laços de amor, afeto, afinidade, parentesco.

O MV, enquanto espaço que fornece as informações problemáticas necessárias para o diálogo, é o primado da solidariedade, onde o conflito representa o fracasso da busca comunicativa de consensos, ou seja, uma anomia. Isto não se aplica aos subsistemas, onde encontramos a generalização das ações estratégicas e os correspondentes movimentos de engodo e manipulação (GUTIERREZ; ALMEIDA, 2013, p. 161).

Os valores do mundo da vida são valores não positivados e decorrentes da experiência coletiva e individual, sendo conduzidos pela racionalidade comunicativa (HABERMAS, 1988, p. 104), pois a tendência é que os subsistemas “colonizem” o mundo da vida, sendo necessária uma comunicação genuína que pudesse permitir a emancipação e impedir que o mundo da vida seja comandado pela racionalidade lógica, instrumental e estratégica, pois é fácil “perceber o

empobrecimento, no interior dos subsistemas, de componentes do mundo da vida como ética e a construção coletiva de consensos” (GUTIERREZ; ALMEIDA, 2013, p. 157).

3 A TEORIA CRÍTICA EMPRESARIAL E A TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO HABERMASIANA

A teorização crítica de empresa sob o viés Habermasiano se manifesta por meio de dois caminhos: uma avaliação diagnóstica quanto aos elementos que impossibilitam a concretização da emancipação social; e a construção de um prognóstico que almeje projetar aquilo que se espera que a realidade poderá vir a se tornar.

O ferramental Habermasiano não aponta para uma ruptura com a realidade ou a destruição do *status quo*, ao contrário, por meio dele, almeja-se construir uma teorização crítica da empresa a partir da análise profunda dos elementos constitutivos da organização e sua função, vislumbrando na realidade concreta os empecilhos que impedem a emancipação e, a partir deles, encontrar as potencialidades que permitam a sua realização.

Há certamente muitos sentidos de “crítica”, na própria tradição da Teoria Crítica. Mas o sentido fundamental é o de que não é possível mostrar “como as coisas são” senão a partir da perspectiva de “como deveria ser”: “crítica” significa, antes de mais nada, dizer o que é em vista do que ainda não é mas pode ser. Note-se, portanto, que não se trata de um ponto de vista utópico, no sentido de irrealizável ou inalcançável, mas de enxergar no mundo real as suas potencialidades melhores, de compreender o que é tendo em vista o melhor que ele traz embutido em si. Nesse primeiro sentido, o ponto de vista crítico é aquele que vê o que existe da perspectiva do novo que ainda não nasceu, mas que se encontra em germe no próprio sentido existente. (NOBRE, 2004, p. 9).

Neste sentido, tem-se a teoria do agir comunicativo de Habermas, que propõe uma distinção entre racionalidade alicerçada no agir comunicativo emancipatório e a racionalidade instrumental imperante. A ação comunicativa é construída a partir da interação e por meio da linguagem que visa o consenso. A ação estratégica objetiva a adequação com foco nos resultados produzidos (GUTIERREZ; ALMEIDA, 2013, p. 155-156).

Sendo assim, uma teoria crítica de empresa sob o viés Habermasiano não pode admitir, por exemplo, que a Responsabilidade Social Corporativa seja reduzida a mera vantagem competitiva, independentemente dos meios e motivos, fundada em uma racionalidade instrumental e estratégica.

A teoria do agir comunicativo (TAC) consiste em uma explicação abrangente das relações humanas visando sua compreensão a partir de um método explicativo específico. Partindo da capacidade dos indivíduos estabelecerem interação, a teoria se funda na compreensão de que os sujeitos sociais têm a capacidade de almejarem os objetivos conhecidos pela observação do próprio

agente da ação. “Apesar da enorme erudição de Habermas, ele cita mais de quinhentos e cinquenta autores nos dois volumes, a teoria baseia-se em categorias bastante claras” (GUTIERREZ; ALMEIDA, 2013, p. 153). Sendo assim, torna-se capaz a sua aplicação em contextos originalmente não direcionados pelos estudos do filósofo, como o campo da teoria das organizações e da própria administração.

Com essa compreensão dual de ações relacionam-se os conceitos de ação comunicativa e ação estratégica – a primeira, compreendida como uma interação interpessoal entre pelo menos dois sujeitos na qual “os atores buscam um entendimento sobre a situação da ação para, de maneira concordante, coordenar seus planos de ação e, com isso, suas ações” (HABERMAS, 2012, p. 166); a segunda, como ampliação da ação teleológica, na qual o indivíduo age orientado por fins e “se supõe que o ator escolhe e calcula os meios e fins segundo aspectos de maximização do proveito ou das expectativas de proveito” (HABERMAS, 2012, p. 164). Na ação comunicativa, a linguagem assume o papel de mecanismo de coordenação da ação. Já na ação estratégica, a linguagem é apenas mais um dos meios para que os atores orientados pelos próprios êxitos atuem uns sobre os outros de acordo com interesses egocêntricos (HABERMAS, 2012a); (INOCÊNCIO; FAVORETO, 2020, p. 135).

A racionalidade instrumental, que domina e rege os subsistemas, está relacionada ao mundo da vida, no qual se desenvolvem as interações intersubjetivas dos indivíduos por meio da convivência. “Em outras palavras, o mundo da vida é constituído pela cultura que serve como um reservatório do conjunto de saberes históricos do qual ela se torna base para interpretações em diversas situações” (GALLELI, 2015, p. 61).

E a ação comunicativa consiste em um instrumento legítimo para impedir que o mundo da vida seja colonizado pela ação estratégica dos sistemas. Assim, a teoria do agir comunicativo “tem como proposta a superação do cientificismo e do positivismo, e, logo, da razão puramente instrumental, bem como a superação de uma filosofia puramente baseada na consciência do sujeito” (PESQUEUX; VASCONCELOS, 2013, p. 32).

Em que pese a empresa ser, destacadamente, um espaço da ação estratégica, uma vez que as ações realizadas por ela são tendencialmente marcadas pela lógica instrumental que visa o lucro e o poder (NOGUEIRA; BANNWART JUNIOR; FAVORETO, 2020, p. 72), pode-se afirmar que

[...] o modelo de empresa capitalista, por se constituir em função da razão instrumental, também serve de meio de desnaturação da condição humana nas relações sociais, pois condiciona o sentido da comunidade à perspectiva da vantagem econômica, sendo todas as dimensões suplantadas pela esfera econômica (VIZEU, 2005, p. 3).

Haveria espaço para a construção de uma ação comunicativa que pudesse ressignificar a prática empresarial, redimensionando o conceito de organização para além dos conceitos tradicionais alicerçados na perspectiva estratégico-lucrativa?

Diante dessa problemática, pretende-se construir um redimensionamento da empresa, a partir da perspectiva crítica da teoria do agir comunicativo de Habermas, a fim de considerar a inclusão da dimensão comunicativa no conceito de empresa. Uma vez que a abordagem sob o prisma da teoria crítica organizacional “que têm por base a TAC pretende revelar de que maneira a prática gerencial e o modelo organizacional tradicional se revestem de pressupostos contraditórios para contextos sociais nos quais são adotados” (VIZEU, 2005, p. 7).

O agir comunicativo Habermasiano incrementa a possibilidade de conceber a empresa (e as organizações em geral) como produto de diálogos no qual tomem parte os diversos interessados. Não se olvida, no entanto, que o pensamento Habermasiano, embora crítico, tem caráter conciliador. Ou seja: talvez não se encontre nele uma estrutura que ampare movimentos radicais “antiorganização” ou “antiadministração”, mas pode-se ter nele um aparato valoroso para o caso de se pretender pensar como, com a organização (cuja simples existência reclama gerenciamento, administração), ampliar as perspectivas de emancipação. Em se tratando de Habermas, frise-se porém o “talvez”. Sua obra nunca par de nos propiciar releituras (FAVORETO; NOGUEIRA; BANNWART JUNIOR, 2019, p. 10).

Sendo assim, torna-se possível a construção de uma teorização crítica da empresa a partir do ferramental Habermasiano, sobretudo por meio da Teoria do Agir Comunicativo, construindo uma concepção de organização para além dos interesses meramente mercadológicos, estratégicos e instrumentais, mas em uma perspectiva alicerçada, inclusive, em uma comunicação livre e efetiva entre os diversos interessados na atuação organizacional em uma abordagem sistêmica e ampla da importância, do significado e da atuação das organizações no contexto social.

Apesar da filosofia Habermasiana não ter sido construída para analisar perspectivas administrativas e organizacionais, a aplicabilidade justifica-se pela profundidade e extensão teórica, a fim de consolidar uma teoria crítica emancipatória da organização no viés da sustentabilidade (FAVORETO; NOGUEIRA, 2017, p. 35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a abordagem multidisciplinar da teoria das organizações, a perspectiva tradicional de organização sob a égide da administração e da engenharia adquire novos contornos e perspectivas na busca da construção de um conceito de organização que incorpore novos aspectos a partir de outras disciplinas, tais como filosofia, sociologia, antropologia e psicologia. A organização não se restringe à mera sistematização e produtividade, mas ocupa-se dos sistemas sociais em torno do procedimento de produção e não somente com o processo produtivo, a partir de uma gama de áreas do conhecimento.

Sendo assim, dada a complexidade e extensão da obra Habermasiana, torna-se possível estender seu arcabouço teórico para as áreas que, originalmente, não foram objetivo de sua reflexão. No âmbito da teorização crítica da empresa sob a ótica Habermasiana destaca-se a concepção do filósofo sobre racionalidade como razão plural, mas como unidade, permitindo propor um novo modelo de racionalidade, para além dos modelos tradicionais e dominantes no ambiente empresarial, mas uma racionalidade que também seja comunicativa.

Uma teorização crítica da empresa pelo ferramental Habermasiano concebe uma atuação das organizações para além da perspectiva única e irrestrita da racionalidade estratégica, que visa exclusivamente o lucro a qualquer custo, mas consiste em perquirir sobre os espaços que podem e devem ser permeados e rediscutidos pela lógica emancipatória da racionalidade comunicativa.

REFERÊNCIAS

BANNWART JÚNIOR, Clodomiro José. Pressupostos da teoria social Habermasiana: trabalho e interação. In: LIMA, Clóvis Ricardo M. de; GOMÉZ, Maria Nélide G. de (Org.). **Discursos Habermasianos**. Rio de Janeiro: IBICT, 2012.

BERTOLAZO, Ivana Nobre. Racionalidade em Habermas: o mundo da vida e os subsistemas. In: **XIII Encontro Anual de Iniciação Científica**, Londrina, 2004.

CAVALCANTE, Ricardo Caribé. Os estudos organizacionais e a sua contribuição para a comunicação de organizações. **Anais do Primeiro Congresso Científico da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. 2007. Disponível em: http://www.abrapcorp.org.br/anais2007/trabalhos/gt1/gt1_cavalcante.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1993.

DEGENHARDT, Victor Werner. A teoria crítica e a estratégia empresarial: uma análise do processo de formulação. **Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**. p. 102-108, mai.-ago., 2005.

ETZIONI, A. **Organizações modernas**. São Paulo: Atlas, 1973.

FADUL, E. M. C.; SILVA, M.A.M. Limites e potencialidades disciplinares da administração pública e dos estudos organizacionais. **Revista de Administração Contemporânea**. Curitiba, v.13, n. 3, jul.-ago., 2009.

FAVORETO, Ricardo Lebbos; NOGUEIRA, Arnaldo José França Mazzei. Proposta de uma teoria crítica Habermasiana dirigida à empresa. **Anais do VIII Seminário Diálogos Filosóficos e Jurídicos: Ética e Compliance nos Negócios Jurídicos**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017.

FAVORETO, Ricardo Lebbos; NOGUEIRA, Arnaldo José França Mazzei; BANNWART JUNIOR, Clodomiro José. Momento de reflexão: pensamento Habermasiano e administração. **Organizações e Sustentabilidade**. Londrina, v.7, p. 7-10, jan.-jun., 2019.

FOUREZ, Gerard. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências. Luiz Paulo Rouanert (Trad.). São Paulo: UNESP, 1995.

FRANÇA FILHO, Genauto C. Para um olhar epistemológico da administração: problematizando seu objeto. In: SANTOS, Reginaldo S. (org.). **A administração política como campo do conhecimento**. Salvador: Mandarino, 2004.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica**: ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense, 2004.

GALLELI, Giovanna Migotto da Fonseca. **A teoria do agir comunicativo e a busca da sustentabilidade**: um olhar sobre os sujeitos na construção de novas realidades organizacionais. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

GUTIERREZ, Gustavo Luís; ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de. Teoria da ação comunicativa (Habermas): estrutura, fundamentos e implicações do modelo. **Veritas**. Porto Alegre. v. 58. n. 1. jan.-abr. 2013.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa**. Manuel Jiménez Rodondo (Trad), v. I e II. Madrid: Taurus, 1998.

INOCÊNCIO, Ewerton Roberto. FAVORETO, Ricardo Lebbos. Contribuições sociológicas de Jürgen Habermas para os estudos organizacionais. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, jan.-mar. 2020.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar**: e as razões da filosofia. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

MATITZ, Queila Regina Souza; VIZEU, Fabio. Construção e uso de conceitos em estudos organizacionais: por uma perspectiva social e histórica. **Rev. Adm. Pública**. Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, mar.-abr., 2012.

MORRIS, H.S. Organização social (antropologia). In: SILVA, B. (Coord.). **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

NOBRE, M. S. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

NOGUEIRA, Arnaldo José França Mazzei; BANNWART JUNIOR, Clodomiro José; FAVORETO, Ricardo Lebbos. Problematizando o conceito de responsabilidade social empresarial: implicações de uma leitura multidisciplinar. **Scientia Iuris**. Londrina, v. 24, n. 1, p. 55-77, mar., 2020.

PESQUEUX, Yvon; VASCONSELOS, Isabella F. F. G. de. Teoria da ação comunicativa e responsabilidade social empresarial: uma proposta de pesquisa. **Cad. EBAPE.BR**, v. 11, n. 1, artigo 3. Rio de Janeiro, mar., 2013.

THIOLLENT, Michel. **Estudos organizacionais**: possível quadro referência e interfaces. **RBE0**, v.1, n.1, jan.-jul., 2014.

VIZEU, Fábio. Ação comunicativa e estudos organizacionais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 4, 2005.

WAHRLICH, B.S. **Uma análise das teorias de organização**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

AUTORES:

Luiz Gustavo Tiroli

Mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bacharel em Administração pelo Centro Universitário Filadélfia (UNIFIL). Graduando em Direito da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Membro do grupo de pesquisas e estudos Currículo, Formação e Trabalho Docente da Universidade Estadual de Londrina (UEL) cadastrado e certificado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

E-mail: luiz.gustavo.tiroli@uel.br.

Natalia Maria Ventura da Silva Alfaya

Doutora em Ciências Sociais e Jurídicas pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Pesquisadora do grupo Democracia, Cidadania e Estado de Direito - DeCIED e junto ao Instituto Gilvan Hansen - IGH. Docente da Graduação e do Mestrado em Direito, Sociedade e Tecnologias da Escola de Direito das Faculdades Londrina– EDFL.

E-mail: naty.alfaya@gmail.com